

Preços dos alimentos dispararam

Vicente Nunes
e Matheus Leitão
Da equipe do **Correio**

A alta de preços não está dando trégua aos consumidores. Se nos últimos dois meses a inflação foi pressionada pelo aumento das tarifas públicas (telefones, energia elétrica e passagens de ônibus), agora é a vez dos alimentos assustarem quem vai ao supermercado e à feira livre. Desde a edição do Plano Real, em julho de 1994, não se via um reajuste combinado de tantos produtos agrícolas. Técnicos do Ministério da Agricultura afirmam que há um misto de especulação e de repasses oportunistas de custos, especialmente do dólar, com cotação superior a R\$ 3. É um quadro perverso que se desenha em meio a dois anos consecutivos de queda na renda do trabalhador e de aumento do desemprego. E mais: põe em risco o maior trunfo do Real — a estabilidade da economia —, além de comprometer de vez a frágil candidatura do governista José Serra (PSDB) ao Palácio do Planalto.

Na lista de quase 250 produtos divulgada na sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o aumento médio do grupo alimentação e bebidas foi de 1,63%. Um resultado 63% acima da inflação média de 1% calculada por meio do Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA-15), entre os dias 13 de julho e 13 de agosto. Os vilões são muitos, segundo o IBGE. O quilo do feijão, que continua em alta, foi reajustado nesse período entre 13,14% e 32,77%. O tomate teve aumento de 10,10%. O pãozinho francês subiu 8,87% e a farinha de trigo, 6,87%. O leite pasteurizado aumentou 3,05%. O acém (carne de segunda), 3,04%.

“Acendemos o sinal de alerta. Está havendo uma ampla remarcação dos preços livres da economia, sobretudo o dos alimentos”, diz o economista-chefe do Banco Boreal, Elson Teles, especialista em inflação. “No IPCA-15 fechado em julho, os preços livres subiram, em média, 0,25%. No índice fechado neste mês, foram reajustados em 0,78%. Ou seja, mais que duplicaram”, afirma.

Teles entende que os consumidores já estão pagando pela alta do dólar. Há produtos que acompanham a variação da moeda norte-americana por serem exportados pelo Brasil e terem cotação na Bolsa de Chicago, nos Estados Unidos, a maior bolsa de mercadorias do mundo. São os casos da soja e da carne de boi. Os produtos agrícolas sofrem ainda o impacto do dólar nos

preços dos adubos e dos defensivos, pois 70% de suas matérias primas são importadas. O Brasil importa quase 70% do trigo que consome. Por isso, pães e massas acabam refletindo a disparada do dólar. Os preços dos alimentos também são impactados pela alta da energia elétrica e dos combustíveis, cujos reajustes acompanham o valor da moeda dos EUA.

PIOR PARA OS POBRES

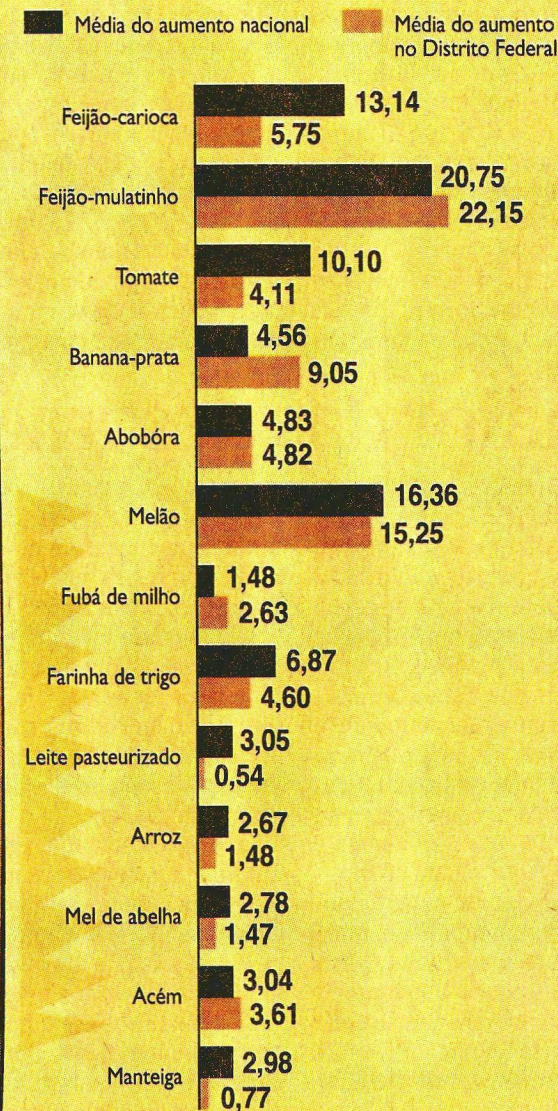
A inflação dos alimentos é tão preocupante para o governo — sobretudo, porque abala o principal discurso de José Serra (PSDB), o da vitória de Fernando Henrique Cardoso em manter os preços sob controle — que o Ministério da Agricultura retomou os leilões reguladores de preço. Nas últimas duas semanas, foram vendidas 40 mil toneladas de arroz para derrubar a cotação do produto, com alta de 2,67%. Na próxima terça-feira, serão ofertadas mais 40 mil toneladas, pois os preços da saca continuam subindo, caracterizando um movimento especulativo. O ministério também está vendendo milho. O objetivo é derrubar o preço do fubá, que aumentou 1,48%.

“A ação do governo é vital para conter os abusos”, diz o economista Luiz Roberto Cunha, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC). “A alta dos alimentos arrebenta com as classes de mais baixa renda”, afirma. “Se houve um ganho para os mais pobres durante o Plano Real, foi o aumento dos alimentos abaixo da inflação. O problema é que os atuais reajustes estão acontecendo num momento em que as tarifas públicas comem quase a metade da renda dessas famílias.”

O governo não poderá, porém, fazer nada no caso do feijão para ajudar José Serra nas eleições. Não há mais estoques reguladores do produto, que perde qualidade rapidamente. Os técnicos da Agricultura acreditam que a entrada no mercado da safra irrigada a partir deste mês vai derrubar o preço do feijão. Ressaltam ainda que a

OS VILÕES DA INFLAÇÃO

Âncoras do real, os produtos alimentícios lideram os aumentos de preços registrados entre 13 de julho e 13 de agosto (em %)



Fonte: IBGE

Arte: Joelson Miranda

justificativa de aumentos por causa da entressafra (falta de chuvas) só vale para o caso do leite, que subiu 3,05%.

Na hora de montar a barraca de feijão na madrugada de ontem na Feira do Rex, em Taguatinga, o piauiense José Wilson Araújo Carvalho, 30 anos, seguiu o que se tornou prática nos últimos dias. Reajustou o preço do quilo do feijão carioca (o mais vendido em Brasília) de R\$ 1,80 pra R\$ 2,30 — mais 27,78%. “Aumentei para cobrir meus gastos e garantir o mínimo de lucro”, diz. “Há 17 anos no ramo (o pai também vendia feijão), fazia tempo que não via uma disparada tão grande do preço do produto. Pior para os pobres, que já nem comer direito podem mais”, lamenta.